



“Gênero E Erotismo Na Cobertura Midiática De Madonna: “The Girlie Show”¹

André Souza Nascimento MACEDO²

Ana Cristina Teodoro da SILVA³

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

Resumo

Esta pesquisa analisa questões de gênero e sexualidade no registro audiovisual da turnê mundial “The Girlie Show”, da cantora Madonna, e sua repercussão na mídia brasileira. Parte-se da premissa da importância dos meios de comunicação na constituição de discursos sobre gênero e sexualidade e suas normatividades. Para tanto, são estudadas teorias de gênero e sexualidade, cultura pop e erotismo.

Palavras-chave: comunicação; gênero; sexualidade; Madonna; imprensa

Introdução

A história da sexualidade começa junto com a história do ser humano. Desde então, são impostas regras e padrões de como ela deve se comportar e o que é ou não é aceitável, normativo. Essas regras vão mudando conforme a época e a sociedade, mas sempre se soube de uma coisa: controlando a sexualidade, controla-se o humano. O mesmo aplica-se para a noção de gênero: o ser mulher, homem ou outros não significa a mesma coisa em recortes de espaço e tempo diferentes.

No contexto da música pop, a sexualidade sempre esteve presente como uma artimanha para atrair o público, o que não é de todo negativo. Artistas podem usar as plataformas para propagar sua posição sobre o assunto e disseminar entre o público novos conceitos.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação, 4º ano do Curso de Comunicação e Mídias da Universidade Estadual de Maringá (UEM), email: dre.s.macedo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação e Mídias da UEM, email: prof.anauem@yahoo.com.br.



Pensando nisso, durante a trajetória de pesquisa científica, foi feita reflexão sobre gênero, como construção social dos papéis atribuídos a homens e mulheres, e erotismo, como manifestações inspiradoras de uma certa sexualidade na narrativa da turnê “The Girlie Show”, da cantora Madonna.

Sexualidade: definição e breve histórico

Para definir o que é sexualidade, foi usado o livro “História da Sexualidade”, de Michel Foucault (1988). Foucault define que o considerado ilícito é porque não é normativo, por isso sofre repressão. Existe uma lógica de que o indivíduo não é proibido de fazer algo ilícito, mas deve praticá-lo longe do olhar de outras pessoas:

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, para superá-la seria necessário uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma restituição do prazer ao real e to da uma nova economia dos mecanismos do poder, pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente. Portanto, não se pode e sperar tais efeitos de uma simples prática médica, nem de um discurso teórico, por mais rigoroso e científico que ele seja. (Foucault, 1988, p.11)

Outro ponto importante apontado pelo autor é que, antes de dominar o sexo em plano real, foi necessário dominá-lo na linguagem.

Por volta do século XVIII, nasce uma incitação política, econômica e técnica ao se falar de sexo, mas ainda com muita vergonha e repúdio. Foucault afirma que se deve falar do sexo publicamente sem maniqueísmos, e ir além de permitir ou proibir; o sexo deve ser regulado e estudado.

No século XX, houve certo afrouxamento na repressão, porém algumas coisas só mudaram de nome. O que era pecado virou doença psiquiátrica. Se antes falar sobre ou demonstrar atos sexuais era condenado, isso se tornou uma forma de ter prazer.

Estudos de Gênero

Por mais que a mulher já estivesse ocupando lugares fora dos lares há algum tempo, ainda era considerada (ou, como Guacira Lopes Louro deixa claro, às vezes ainda são) um ser auxiliar, de apoio, em uma situação de controle masculino. A partir das



primeiras décadas do século XX, as autoras começaram a observar e dissertar sobre a ocupação feminina nestes espaços, bem como sua ausência em campos como literatura, ciências e artes.

Organizando-se em grupos de estudo, fundando revistas, organizando eventos, etc. os primeiros estudos constituem-se em uma descrição das condições de vida e trabalho de mulheres em espaços diferentes e apontam e comentam questões de desigualdade social, política, etc. Porém, muitos desses grupos acabaram virando “guetos” e sendo excluídos (e, segundo a autora, se excluindo) do mundo acadêmico de forma mais ampla. Outra questão levantada é que esses estudos tendiam a criar uma história da mulher, literatura da mulher, psicologia da mulher, enfim, sustentando a ideia de um universo feminino separado. Porém, por mais que seus discursos fossem inflamados, apaixonados, sem neutralidade, foram importantes para tirar a figura da mulher, no ambiente acadêmico, apenas com desvio da norma padrão masculina para colocá-la como figura central.

Em contrapartida, haviam aqueles/as que justificavam a desigualdade com argumentos biológicos, que a diferença macho/fêmea colocava cada um em seu devido papel na sociedade. A distinção biológica – ou sexual – serviria para compreender e justificar a desigualdade social. Logo, é necessário combater essa visão. A autora afirma:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 1997, p.21)

Logo depois, Louro procura diferenciar e relacionar os conceitos de gênero, sexo e sexualidade. Primeiramente, contextualizando, mostra que foram com as teóricas, anglo-saxãs, que o termo *gender* começou a ser usado de forma diferente do termo *sex*, dando ao termo um poder analítico e político. Colocar o conceito como “fundamento social” não é negar a biologia, mas explicitar e enfatizar a construção social produzida sobre as características biológicas. Robert Connel (1995, p. 189) afirma “no gênero, a prática social se dirige aos corpos”. Procura referir-se a como as características sexuais são compreendidas e interpretadas. Explicado isso, Guacira Louro afirma que se deve procurar os motivos da desigualdade social não nas diferenças biológicas, mas sim na construção social, histórica, etc.



A partir do momento em que se tem esse conceito, os estudos de gênero se referem também aos homens de forma explícita, por mais que costumem priorizar as análises sobre as mulheres.

Procura-se afastar qualquer posição essencialista e analisar o processo em si. Com isso, pode-se verificar que as concepções de gênero não se alteram apenas conforme período histórico ou entre sociedade, mas entre um grupo há diversas divisões que influenciam, sejam elas religiosas, étnicas, etc.

Não se deve confundir a construção de gênero com papéis masculinos e femininos. Os papéis seriam apenas padrões de comportamento imposto pela sociedade. Por mais que esse conceito seja confundido, às vezes, com o de gênero, ele é muito simplista e reduutivo. Ficam de fora, nesse caso, as diversas formas que a masculinidade e a feminidade podem assumir. Enquanto o papel seria apenas um comportamento seguido, o gênero institui identidade – como a autora exemplifica, o sujeito é brasileiro, negro, homem, etc.

A identidade sexual e a de gênero estão extremamente inter-relacionadas, porém não devem ser confundidas: a identidade sexual se formula na forma que o sujeito vive sua sexualidade, com parceiros do mesmo sexo e/ou do sexo oposto ou ainda sem parceiros/as. Logo, deve ser compreendida a diferença: independentemente de sua identidade de gênero, isso não determina sua identidade sexual: existem mulheres/homens heterossexuais, homossexuais, bissexuais, assexuadas/os, etc.

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que dev se virar sozinha.

Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não fin alizada. (BRITZMAN, 1996, p.74)

Como mostra Louro, esse conceito pode ser levado para a identidade de gênero: ela não é fixa, está sempre sendo construída e se transformando.



Ainda relacionando o conceito de identidade de gênero e de sexualidade, a autora afirma:

Homofobia, o medo voltado contra os(as) homossexuais, pode se expressar numa espécie de ‘terror’ em relação à per =da do gênero, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher ‘reais’ ou ‘autênticos. (LOURO, 1997, p. 28)

É importante ressaltar o modo que a sexualidade é regulada pela sociedade por meio do policiamento e censura de gênero.

Análise do Espetáculo

Da música inicial ao uso da personagem Pierrot, a Girlie Show começa fazendo referências aos espetáculos circenses e à “Commedia dell’arte”. Segundo Christopher Ciccone, em seu livro “A Vida Com Minha Irmã Madonna”, eles sempre se sentiram muito atraídos pelo circo e sua sensualidade, o que explica a escolha do tema. Pierrot sempre foi interpretado como uma personagem inocente, apaixonada, desastrada e frustrada romanticamente. No show, ele constantemente aparece e se apaixona por Madonna ou por alguma dançarina, sempre se escondendo para não ser visto. Sempre demonstra carinho e vergonha em suas aparições, contrastando com os momentos mais sexualmente pesados. No fim do show, revela-se que Madonna é o Pierrot (mesmo que, obviamente, não tenha o interpretado durante o espetáculo), unindo a personagem Dita, uma dominatrix, ao doce Pierrot.

Uma das explicações é de que, mesmo Dita sendo uma dominatrix, venerando sexo e demonstrando isso, ainda tem um lado apaixonado, inocente. A união desses dois personagens serve para quebrar uma ideia de que a pessoa, principalmente a mulher ou é uma santa virgem ou uma promíscua. Ainda existe uma brincadeira com um conceito já não mais usado na psicologia, da “madona-meretriz”, um complexo onde geralmente um homem não consegue respeitar a imagem de uma mulher carinhosa, maternal e ao mesmo tempo sexual, dividindo as mulheres nesses grupos: entre Madona (mãe de Jesus, símbolo de maternidade) e meretrizes (prostitutas).

A androginia e *crossdressing* também estão presentes em diversos momentos, como na



primeira música: no fundo, a cena de sexo é alternada com outra de luta. Se interpretarmos a cena de sexo como uma cena romântica e a de luta como ódio, temos o paradoxo de amor x ódio. Outra interpretação possível é a de desejo de possuir (sexo) x desejo de destruir (luta). Segundo Foucault (1985), “o sexo é o acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo”. Seguindo essa linha, a agressividade na luta, o desejo de causar sensações (nesse caso, a dor) ao outro é também uma busca de acesso à sua vida.

O fato de Madonna estar vestida de dominatrix, uma mulher dominadora e sexualmente agressiva, e de as cenas terminarem misturadas leva a concluir que o desejo sexual e o agressivo podem ter a mesma origem, a de busca pelo controle do outro. Depois dos dançarinos homens de lingerie em “Erotica”, em “Fever” outros dois dançarinos aparecem com botas de salto e uma espécie de maiô, que vira uma sunga.

Pode-se interpretar que as vestimentas e gestos andróginos tenham como objetivo quebrar a dicotomia masculino/feminino. Segundo Joan Scott, a lógica “masculino/feminino” deve ser implodida. Em uma oposição binária, sempre existe o dominador e o dominante, a superioridade do primeiro elemento. A desconstrução da polaridade dos gêneros é problematizar a “oposição entre eles quanto a unidade interna a cada um”, ou seja, observar que o polo masculino contém o feminino e vice-versa, e verificar como cada polo é bem fragmentado já que, como citado antes, existem diversas formas da masculinidade e a feminilidade se expressar. Ao quebrar essa dicotomia, também se quebra a heteronormatividade presente, para muitos, no conceito “gênero”. Seria incluir homens e mulheres que vivem sua masculinidade e/ou feminilidade de formas diferentes dentro do conceito de “verdadeiro s/as” homens ou mulheres. Logo, as diversas demonstrações de androginia e crossdressing durante o show não buscam mostrar o que é masculino ou o que é feminino, e sim busca quebrar essa barreira.

Sobre a apresentação de “Vogue” não há muito que falar – provavelmente foi encaixada por ser um de seus maiores sucessos e, dessa forma, atrair o público para o espetáculo. “Rain” também é simples e sem muitas surpresas, a música serve como um “descanso” e exige mais da voz de Madonna que a maioria de suas músicas. O destaque fica para o Pierrot, que aparece no final e se apaixona pela dançarina, mas sempre se esconde dela, uma representação de um amor juvenil e inocente.



“Express Yourself”, a primeira vista, parece ter sido encaixada pelo mesmo motivo de “Vogue” mas, ao analisar mais profundamente, o tema disco da performance remete aos anos 70, época em que preocupações como o vírus da AIDS não estava m presentes e o consumo de drogas, principalmente o ecstasy e cocaína, aumentaram consideravelmente. Os anos 70 também são conhecidos pela “revolução sexual”, onde a contracepção, a pílula anticoncepcional e a homossexualidade começaram a ser normalizadas. Na sequência, continuando com o tema disco, “Deeper and Deeper” é apresentada no meio de uma cena com diversos casais insinuando relações sexuais (heterossexuais, homossexuais e grupais), relacionando-se com a letra da música, que fala sobre a descoberta sexual, do amor, sobre pressão paterna e expressão de sexualidade.

Quebrando o clima de festa, “Why It’s So Hard” fala sobre homofobia e discriminação. Os participantes da “orgia” param e começam a interpretar personagens amargos e tristes. Seguindo a sequência desse bloco, pode-se interpretar que essa mudança é mais profunda do que falar de discriminação: no começo dos anos 80, no fim da era disco, a AIDS foi descoberta e causou milhares de mortes, especialmente no meio LGBT.

Por mais que não houvesse conhecimento do vírus na época, a falta de informação sobre DSTs e abuso de drogas por LGBTs foi a causa de morte de grande parte dos falecidos. O clima da música é, de certa forma, de luto. Continuando o show, “In This Life” trata do tema da AIDS de forma mais direta: a música foi composta como homenagem a dois amigos soropositivos que vieram a falecer. A apresentação é simples, com Madonna sozinha no palco e falando com o público sobre a tragédia do vírus; é também um momento de conscientização. Durante parte da música, o Pierrot aparece e fica observando-a. Sua presença pode simbolizar a ingenuidade e ignorância das pessoas sobre o assunto.

Como em todos seus shows, ocorrem interlúdios com foco nos dançarinos durante a troca de figurino de Madonna. Nesse momento, “Justify My Love (The Beast Within Mix)” é tocada. O remix substitui praticamente toda a letra da música original por trechos do livro Apocalipse, da Bíblia. Os dançarinos interpretam uma luta misturada



com elementos sexuais (novamente, sexo x agressividade). Ao decorrer da cena, mais dançarinos aparecem e a cena começa a lidar com questões religiosas como o julgamento e a crucificação de Jesus, mas sempre com interações homossexuais entre os dançarinos. Nesse ponto, uma interpretação é de outra dualidade: espiritual/carnal, virtude/pecado.

Para o próximo bloco, o palco é transformado em um cabaré. O cabaré pode ser definido como uma casa de shows sensuais apresentados por dançarinas, popular na França durante a “Belle Epoque” (fim do século XIX até eclosão da Primeira Guerra Mundial). Os números eram iniciados geralmente por um “mestre de cerimônias”, que introduzia as dançarinas e explicavam como a casa funcionava. Os cabarés eram localizados em bairros específicos ou distanciados do centro, o que pode ser explicado segundo Foucault, que afirmou que as formas de sexualidade “ilícitas” (não normativas) são escondidas e reprimidas, em um discurso de “se quer fazer, que faça longe e de forma escondida”. Madonna faz o papel do mestre de cerimônias, trajada de roupas masculinas, assim como suas backing vocals. Nesse caso, não se trata de androginia, onde os gêneros se confundem: Madonna está de crossdresser, interpretando um homem.

O Pierrot aparece pelo cabaré durante “Like a Virgin”, observando o local e ela. Isso pode ser interpretado como a curiosidade pelo sexo, pelo diferente, uma curiosidade pertencente a crianças. Depois de apresentar propriamente o cabaré e os dançarinos dele, a performance de “Bye Bye Baby” segue esse clima, com as dançarinas “servindo” e mostrando-se para Madonna e as backing vocals. Depois da música, elas começam um discurso estereotipando homens heterossexuais, com falas do tipo “fodam-se as mulheres, nós fodemos as mulheres”.

Mais do que humor, esse bloco fala muito de objetificação dos corpos femininos. Ao fim do discurso, inesperadamente, elas retiram o terno e chapéu, ficando com uma blusa estilo náutica e turbante (estilo Carmen Miranda) para cantar “I’m Going Bananas”, uma música divertida com influências latinas. A primeira vista, a música parece completamente fora de contexto, mas, se analisarmos mais profundamente, a música fala sobre enlouquecer por causa de um romance. Colocando no contexto do show, pode-se interpretar que o motivo da “loucura” sejam todos os acontecimentos



machistas das últimas duas músicas, com objetificação das mulheres e conceitos extremamente sexistas.

“La Isla Bonita”, que vem em seguida, é mais um hit que foi encaixado para atrair o público e que não faz muita falta no show, mas serve para mantê-lo coeso. O próximo bloco tem uma temática militar. O exército sempre foi visto como um órgão onde a disciplina é levada aos extremos e também como um órgão sexista. Contrastando com “Holiday”, um de seus primeiros hits, que é extremamente dançante e feliz, a temática também contrasta com o resto do show, agora fazendo uma sátira de políticas que disciplinam os corpos. Segundo Foucault, o sexo é usado como força política, usado para controlar a população, principalmente a partir do século XVIII, onde surge uma espécie de “polícia do sexo”. O bloco se desenrola nessa temática, passando por um momento onde Madonna procura se aproximar do público cantando uma música na língua local, no Brasil cantando “bunda suja” e “Garota de Ipanema”.

No próximo bloco, a temática sexual retorna com mais força durante “Justify My Love”, em que os dançarinos e ela estão em roupas típicas da década de XX, com destaque para o figurino da mesma que mistura um vestido e terno. A apresentação é um bom exemplo da diferença entre pornográfico e erótico. O pornográfico é definido por Giddens como violento e costuma colocar a mulher em segundo plano e neutralizar sua sexualidade. Já o erotismo é sempre visto como algo com um cunho mais sentimental, com a sexualidade presente, mas em uma relação de troca de prazeres, sem violência. Enquanto a pornografia é explícita, o erótico não precisa ser, como se vê na apresentação: sensualidade sem nada explícito ou violento. Para encerramento do show, Madonna aparece com uma camiseta da seleção do país, mais uma tentativa de se aproximar ao público local. Essa apresentação também não tem muitas surpresas, sendo como encerramentos de espetáculos pop, divertido e com bastante interação com o público.

Quando o show parece ter se encerrado, o Pierrot volta e tira a máscara, revelando ser a Madonna. Mais uma vez, ela tenta quebrar com a dicotomia “madona/meretriz”, passando uma mensagem de que, mesmo com todo o lado sexual, a pessoa ainda tem um lado ingênuo e inocente.



Análise da Imprensa

Ao contrário do que se esperava encontrar, a maioria das avaliações foram positivas e engrandeceram Madonna. Todas as coberturas deram algum destaque ao uso de palavras em português, muitos com conotação sexual. A imprensa deu mais foco ao “efeito Madonna” que parou as cidades do que nele em si.

A cobertura também tratou os fãs homossexuais de uma forma comum, sem alardes.

Sobre a questão de sexo e gênero nos atos do show, a revista Veja foi a que mais focou no assunto: segundo a revista, as performances que insinuavam sexo pareciam mais uma paródia do que uma representação, diferentemente de seu show anterior “Blond Ambition Tour”. Também afirmaram que o sexo está no cotidiano brasileiro principalmente por causa do Carnaval.

Na questão artística, foi a Folha de S.Paulo que deu destaque: segundo o jornal, o espetáculo não é artístico por não apresentar nada inovador.

O fato das coberturas não lidarem com a questão do sexo tão profundamente pode-se dar pela falta de preparo dos jornalistas para falar de questões como gênero e sexualidade. Por outro lado, também se pode explicar de outra maneira. Em 1993, poucos shows de grande porte vinham para o Brasil. Hoje em dia, todo trimestre temos algum mega show, sem contar festivais de música que trazem dezenas de atrações internacionais. O de slumbramento pela ideia de ter o Brasil na rota internacional de shows e o impacto financeiro e cultural pode ter falado mais alto do que uma crítica do espetáculo, de fato.

6- Considerações Finais

No início da pesquisa, as expectativas eram de achar um material de imprensa rico e diverso, que se propusesse a analisar e debater questões consideradas polêmicas no espetáculo, mas não foi isso que foi encontrado. Madonna incendiou os estádios com um show divertido, porém o que alimentava o fogo era a tentativa de colocar coisas mais profundas para o público pensar. A imprensa achou mais interessante não alimentar essa chama e descrever de uma forma que não chocasse os espectadores. A



ideia era exaltar Madonna, e não sua obra.

Esse é um fenômeno comum na cultura pop em geral; nela, pouca importância se dá para o sentido da obra, mas sua aparência e a forma que é apresentada acabam ganhando mais destaque. Talvez o problema não esteja nos artistas, mas sim no próprio sistema que superestima uma harmonia confortável e uma aparência bonita e subestima o que está por trás disso.

Referências

DANTON, Gian., **Cultura Pop**. Editora Virtual Books Online. 2000

FEDORAK, Shirley. **Pop Culture: The Culture of Everyday Life**. Toronto: University of Toronto Press 2009

FOUCAULT, M., **História da sexualidade**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação - Uma perspectiva pós-estruturalista**.

O'BRIAN, Lucy. **Madonna 50 Anos: A Biografia do Maior Ídolo da Música Pop**. Tradução de Inês Cardoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. Petrópolis: Vozes, v. 01, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Revista Educação & Realidade, 1986. Vol. 15.

SHUKER, Roy., **Vocabulário da Música Pop**. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo:



Hedra 1999

LOURO, Guacira .L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997